

RODRIGUES, Ricardo Gondim. **O evangelho da nova era.** Abba, 1995. 4 ed. 150p. Resumido por JLHack em abril/2001. [Análise da teologia da prosperidade e do ministério de Hagin, demonstrando a incoerência entre seus ensinos e o Evangelho do Reino.]

Introdução

Nas décadas de 60 e 70 uma corrente doutrinária varreu os EUA: a teologia da prosperidade, defendida por homens como Kenneth Hagin, Benny Hinn e outros. Pregava não somente fé, mas também riqueza, fama e sucesso. Demorou a chegar no Brasil, mas veio forte pelos ensinos de Hagin. Estes “movimentos de fé” são um significativo desvio do Cristianismo histórico. Ferem tanto a ortodoxia reformada quanto a teologia pentecostal.

A igreja brasileira é muito vulnerável a falsas doutrinas, enfatizando o “fazer” sem considerar o “certo”. O crente se importa mais com o que sente, não com o que sabe ser verdade. Nossa cultura sincretista também favorece a confusão, criando uma religião brasileira diferente: a) extremamente mística e supersticiosa; b) transcendental e não-histórico (a salvação é para depois da morte); c) ascética no físico, mas fraca no caráter. Este perfil resulta de três influências: ideológica (capitalismo enfatizando o egoísmo, materialismo e consumismo), cultural (formação histórica das instituições sociais e dos costumes enfatiza o misticismo em vez da busca da verdade) e espiritual (cristologia errada: agonizante no catolicismo; etérea no espiritismo e intimista/subjetiva no protestantismo). Neste clima entrou sutilmente a heresia. A mentira, quanto mais parecida com a verdade, mais se torna perigosa.

1. Raízes históricas

Nada há de novo no movimento. Procede dos antigos movimentos nos 1800s. Com Irving, Cullis, Gordon, Simpson, Parham tivemos um digno mover de cura divina, restaurando este aspecto do Evangelho pleno. A mudança começou com Aimee McPherson, fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular, seguindo com Brenham, Osborn, Oral Roberts, Rex Humbard e outros. Grande sucesso acompanhou o ministério destas pessoas, arrebanhando multidões. Alguns se envolveram em escândalos financeiros e abusaram em seu marketing, mas de modo geral mantiveram-se fiéis ao leito principal do Cristianismo histórico.

2. Kenneth E. Hagin

Nascido no Texas em 1917, com um problema cardíaco congênito, ficou acamado até os 16 anos. Teve neste período algumas experiências sobrenaturais, indo ao inferno 3 vezes em espírito, após o que se converteu. Recebeu uma revelação sobre Mc 11.23-24, adotando como seu slogan: “creia no seu coração, declare com sua boca e será seu” (confissão positiva). Inicialmente batista, depois assembleiano, Hagin afirmava entrar em transe ao pregar, perdendo controle de sua mente por causa da “unção” (fenômeno semelhante aos descritos por Kardec). Afirmou também ter morrido e que seu corpo andou unicamente movido pelo Espírito Santo, depois o revivendo. Recebeu o “dom do ensino” em 1943 como “um clique”. Teve revelações proféticas especiais, com encontros pessoais com Jesus 8 vezes, indo junto com ele ao inferno e ao céu. Descreve tais encontros de forma banal, o que difere do relatado por João (Ap). Três de seus livros são fruto de revelações especiais diretamente a ele e alega que os que não o escutarem sofrerão consequências drásticas (inclusive a morte).

3. Movimentos influenciadores

Pela influência filosofia de Hegel renasceu o Gnosticismo. Esta heresia ensinava o conhecimento místico dos segredos divinos, só alcançado pelos iniciados e por meio de revelação. A gnose traz libertação do mundo mau da matéria, pois o corpo é uma prisão para o espírito. Quanto a Jesus, afirmavam que Cristo precisava sofrer e morrer também espiritualmente. Nos tempos atuais, a heresia gnóstica ressurgiu com Mary Baker Eddy, que fundou a Ciência Cristã. Recebeu revelações di-

retas e especiais de Jesus em 1866. Ela afirma que a matéria é ilusória e irreal, assim como as doenças que afligem o corpo são apenas sintomas decorrentes de falsa concepção mental. Não aceitava a expiação pelo sangue de Jesus. Essek Kenyon, embora no meio evangélico, foi fortemente influenciado por Mary, e pregava nos anos 20 o que era ensinado na Ciência Cristã. Hagin se inspirou muito em Kenyon a ponto de plagiar livros inteiros deste (embora afirme que recebeu tudo por revelação direta de Jesus).

4. Interpretação bíblica

A teologia da prosperidade viola regras básicas da hermenêutica, como o princípio de cada texto ter apenas uma interpretação, a qual é a mais clara possível. Hagin afirma ter uma unção especial que lhe permite entender com “profundidade” a Palavra. Seu “transe de profeta” contraria totalmente 1Co 14.32. Alega que seu conhecimento bíblico veio todo por revelação sobrenatural, uma vez que a mente não pode entender o divino e se opõe à revelação. Esta “revelação” é perfeita e inquestionável, confrontando 1Co 14.29; 13.12. Osborn afirma que o verdadeiro eu é o espírito que mora dentro de um corpo. Hagin explicita que a mente é enganosa e não confiável.

5. Morte espiritual

Hagin afirma que ela significa ter a natureza de Satanás e que a queda entregou todo o domínio da natureza ao diabo. A salvação é o resgate pago ao diabo para readquirir os direitos que ele obteve sobre a humanidade. Todos estes disparates são contrários à Palavra.

6. Jesus

Hagin afirma que Jesus morreu duas mortes: a física e a espiritual no inferno, pela qual adquiriu uma natureza satânica, como todos os homens. Jesus “nasceu de novo” em sua ressurreição. Sua morte física não removeria nossos pecados, por isso Jesus precisou sofrer 3 dias no inferno para expiá-los. Foi então que Deus o ressuscitou e ele pode receber o seu precioso nome. A Palavra confronta tais heresias, mostrando que não houve mudança de natureza em Jesus, nem sofreu ele no inferno, nem “nasceu de novo”.

7. Somos deuses?

Deus criou os homens como “pequenos deuses” para chamarem à realidade o que não existe tal como Deus. Hagin afirma que o crente é uma encarnação de Deus exatamente como é Jesus. Treat diz que somos uma réplica perfeita de Deus. Copeland diz “você é Deus”. A Palavra contesta isto, nos dando no máximo o privilégio de representantes de Deus e seus filhos adotivos. Nós não temos a mesma natureza do Pai.

8. Prosperidade

Hagin sustenta que o crente não pode adoecer, pois isso é falta de fé e dá lugar ao diabo em sua vida. Morrer com menos de 70 é pecado. A Palavra, porém, mostra que o sofrimento faz parte do plano de Deus para nossa educação e crescimento. Deus provê cura para todos, mas esta concretização para alguns só se fará na eternidade. Jo 5 mostra Jesus curando apenas um dentre muitos doentes. Deus cura, mas nem sempre, nem todos, pois ele é soberano para fazer a sua vontade.

9. Mandar em Deus

O homem ambiciona o poder e, mais ainda, deseja mandar em Deus, “obrigando-o” a cumprir suas promessas. Podemos buscar nossos direitos junto a Deus, diz Hagin, como se ele fosse o gênio da lâmpada.

10. Bênção e maldição

Maldição é o recurso de buscar uma força superior contra aquilo que se maldiz. Os pagãos criam que ela era uma entidade em si e que, uma vez proferida, forçava os deuses (ou as forças ocultas) a executarem o mau intento. Na Bíblia, a maldição é apenas o inverso da bênção. É uma sentença que vem da quebra da lei moral de Deus, é estar distante dele (que é a única fonte de bênção). Bênção se relaciona à obediência e maldição, à rebeldia. O diabo só amaldiçoaria tentando afastar a humanidade para longe de Deus ou por concessão divina para executar algum propósito eterno.

Há limites divinos para abençoar e amaldiçoar, sendo preciso ter delegação de autoridade de Deus para fazê-lo. Sem isto não tem efeito. O grande prejudicado quando há maldição é quem amaldiçoaria, pois revela um coração amargurado e longe de Deus. Mas embora a maldição não possa “encantar” o outro, a língua pode ferir seriamente. Para os que estão em Cristo já não há mais condenação/maldição (Rm 8.1; Cl 2.14-15). Isto contraria o ensino das maldições familiares. Ex 20.5 e Lv 26.39-42 falam de maldição do próprio Deus. O pecado gera consequências à nossa descendência, mas não é transmitido a ela. Isto é quebrado voltando-se para Deus com coração contrito e quebrantado.

11. Considerações

a) as alianças dos antepassados foram anuladas na cruz; b) Cristo nos purificou de todo pecado; c) não pare de falar com Deus para amarrar o diabo (o melhor meio de manter o inimigo fora é manter Cristo dentro, pois o que o diabo teme não é a oração, mas a presença do Pastor); d) ninguém peca por estar enfeitiçado; e) as palavras não têm vida própria; f) objetos não carregam bênção ou maldição em si mesmos. A maldição dos ídolos está na quebra da lei de Deus que os proíbe. A maldição do objeto está na ligação religiosa e na subserviência dos que o possuem religiosamente. g) Deus é juiz dos inocentes (mesmo os pais não têm delegação divina para amaldiçoar os filhos). h) O cristão está proibido de amaldiçoar.

12. Arrebatamentos

A Palavra fala de arrebatamentos e prostrações, quando havia contemplação do sobrenatural, da glória de Deus. Era uma experiência de convicção de pecado. Esta não é uma experiência a ser buscada “em filas”, mas se acontecer é resultado da fé em Deus. A Palavra não nos incentiva a ter experiências, qualquer que sejam, e sim a buscar o Senhor ardente. Nenhuma experiência sobrenatural deve trazer glória a seus ministrantes e sim a Deus. Também não é o “sentir paz” que define ser de Deus a experiência, pois a manifestação da glória de Deus sempre traz arrependimento, compromisso com santidade, novo ardor missionário e reavivada percepção da glória de Deus (Is 6). Também é uma experiência rara, pois a essência do milagre é sua excepcionalidade.

13. Dentes de ouro

Deus pode agir soberanamente como bem entender, mas sempre o faz com sentido e sabedoria. Ele não faz milagres triviais. Estes milagres não conferem status espiritual a ninguém, nem sequer simbolizam compromisso com Deus. Até o diabo realiza prodígios semelhantes. Por isso, nossa postura deve ser de verificação, sem incredulidade nem fé simplória.

14. Milagres

A institucionalização da igreja trouxe a frieza da fé e a falta de milagres. Porém hoje se busca o sobrenatural sem responsabilidade. Não se deseja pagar o preço de andar de perto com Deus.